

humanitas

Vol. XLVII - Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVII • TOMO II
MCMXCV

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DA DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA



JOSÉ V. DE PINA MARTINS
Universidade de Lisboa

DIALOGANDO COM MARCEL BATAILLON 1895 - 1977

No centenário de Marcel Bataillon,
em homenagem à minha Amiga e Colega
Prof.^a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira,
para recordar a sua jubilação universitária.

Marcel Bataillon foi, neste século, o maior hispanista francês e um dos maiores de sempre. Foi também um dos grandes estudiosos do pensamento e da obra do cabouqueiro da Modernidade, Desidério Erasmo.

Com uma bibliografia vastíssima, formada por mais de 500 títulos, o livro que o consagrou como historiador e filólogo foi «*Erasme et l'Espagne*», Paris, 1937, traduzido por António Alatorre em castelhano e publicado na Cidade do México em 1950.

Professor da Sorbonne e, depois, do Colège de France, foi um dos seus mais brilhantes e dinâmicos Administradores.

Conheci Marcel Bataillon em Coimbra, no ano de 1946. No Outono desse ano, em Outubro ou Novembro, aquele universitário francês foi convidado pelo Instituto de Alta Cultura (então ainda Instituto para a Alta Cultura) a vir em missão de conferências a Portugal. A pedido do Doutor Joaquim de Carvalho, assisti a uma sua lição pronunciada na Faculdade de Letras da Universidade. Não retive muito do que disse o insigne estudioso de Erasmo, mas lembro-me de que me impressionou a fluência com que se exprimia no seu francês elegante e límpido sobre questões erasmianas relacionadas com o conceito de «*philosophia Christi*». O estudante de filologia românica que eu então era perguntava-se se o sábio parisiense

não seria porventura um alto eclesiástico, talvez doutor em Teologia. Quando, num dos nossos encontros entre 1972 e 1977, ano da sua morte, o informei de que havia imaginado em 1946, sorriu com bom humor e disse-me:

«— Sinto de facto uma profunda atracção por tudo que é religioso. Tenho e tive muitos amigos eclesiásticos que foram meus discípulos... Mas eu sou apenas cristão pelo meu grande amor a Erasmo, pois nem sequer sou baptizado. Meu pai era um biólogo agnóstico e minha mãe uma meia-judia».

Em 1958 encontrei Marcel Bataillon em Lisboa e em Évora. Em 1961 no Centre d'Études Supérieures de la Renaissance de Tours. Em 1970 assistiu em Paris à minha conferência sobre o Erasmismo em Portugal. A partir de 1972, desde quando iniciei em Paris a minha missão de Director do Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, tornou-se um dos meus melhores amigos. Em 1974 presidiu na Sorbonne, na sala Louis Liard, à defesa das minhas teses, no meu *doctorat d'État*.

Ocorreu-me que, evocando em discurso dialógico a memória de Marcel Bataillon no seu primeiro centenário, eu poderia assim prestar a minha modesta mas sincera homenagem a Maria Helena da Rocha Pereira. Em primeiro lugar, porque se trata de duas grandes figuras de universitários; em segundo lugar, porque a formação de Marcel Bataillon também foi a de um filólogo da cultura clássica greco-latina; e, enfim, porque ambos podem considerar-se verdadeiros modelos de *scholars*, assim como de investigadores infatigáveis: Marcel Bataillon voltado para o Humanismo e Erasmismo da Modernidade; Maria Helena da Rocha Pereira para as letras clássicas da Antiguidade helénica e romana.

Em 1973, no Centre d'Études Supérieures de la Renaissance da Universidade de Tours, Marcel Bataillon presidiu a uma sessão em que apresentei uma comunicação sobre «Platon et le Platonisme au Portugal». Como se tratava de analisar o platonismo não apenas em textos latinos mas também em língua portuguesa, Sá de Miranda e Camões foram referidos e estudados. Alguns dos participantes manifestaram a sua estranheza pela distinção que me foi forçoso estabelecer entre o platonismo veiculado através dos textos platónicos traduzidos e editados por Marsilio Ficino em Florença a partir de 1484 e o platonismo dos comentadores de Platão. Muitos confundiam igualmente, como, aliás, ocorre em Portugal, até em trabalhos sérios de ilustres investigadores universitários, *Dolce stil nuovo* e petrarquismo. Petrarca, formado ainda pelo *Dolce stil nuovo*, supera a poé-

tica *stilnovista*: enquanto no *Trecento* poetas como Dante, Guinizzelli e Cavalcanti angelizam a mulher amada («Tanto gentile e tanto onesta pare / la donna mia...»), Petrarca limita-se a idealizá-la. Ocorre, porém, desde os inícios do século XVI, que o petrarquismo é por sua vez superado pelo *retour aux sources* que impõe a moda dos poetas primitivos, desde a poesia siciliana e stilnovista até aos próprios provençais. E daí que poetas como Sá de Miranda e Camões não sejam apenas trarquianos mas também stilnovistas...Um investigador de Lyon, que já tinha publicado ensaios críticos sobre Maurice de Scève, era incapaz de compreender estas distinções e disse-me, com uma ingenuidade desarmante, que, para ele, *platonismo*, *stilnovismo*, *petrarquismo* e *stilnovismo* recuperado no século XVI por um *ressourcement* temático era tudo a mesma coisa! Marcel Bataillon procurou convencê-lo com os textos na mão.

Depois da sessão matinal que se prolongou em debates até à hora da refeição, Marcel Bataillon convidou-me para almoçar com ele. Continuámos a discorrer sobre a poesia portuguesa, espanhola e francesa da primeira metade do *Cinquecento*. Ele reconhecia que tanto Garcilaso como Sá de Miranda tinham precedido a Pléiade com Du Bellay e Ronsard na adopção do petrarquismo e de um *Dolce stil nuovo* recuperado. Aliás, estava convencido de que os poetas franceses haviam seguido mais os discípulos de Petrarca do que o próprio cantor de Laura. Petrarquistas menores eram parafraseados e seguidos ou traduzidos em francês, até por Du Bellay em *L'Olive*. E comentando o professor de Lyon que não sabia distinguir a *filosofia* do *Dolce stil nuovo* de Petrarca e dos petrarquistas, exortou-me a prosseguir os meus estudos comparativos da poesia italiana, francesa, espanhola e portuguesa. Dizia-me com muita delicadeza:

- O estudo crítico fundado sobre os textos exige, na análise, subtilidade e rigor. Nas nossas Universidades têm-se desenvolvido desmesuradamente as teorias literárias, algumas novas com base em cálculos matemáticos, outras não, porque se limitam a ressuscitar modelos velhos e superados. Na análise dos textos há que recorrer também à filologia. Na crítica textual, mas igualmente no comentário dos textos. Na interpretação dos textos. Já leu — perguntou-me — as minhas reflexões sobre o sentido literal?
- Trata-se de um estudo notabilíssimo sobre a «Defesa e ilustração do sentido literal» que eu tenho recomendado muito aos meus alunos tanto da Universidade de Lisboa como, agora, da Escola de Altos Estudos da Sorbonne. Quando li pela primeira vez o seu

ensaio, quis-me parecer que Marcel Bataillon o escreveu a pensar em Erasmo. Sobretudo no Erasmo intérprete da Sagrada Escritura.

- Não me tinha apercebido disso, mas não o excludo. As *Paraphrases* evangélicas e paulinas do meu querido Erasmo, mestre de todos nós, são não apenas obra de piedade mas também de filologia.

Em 1975 voltei a dialogar com Marcel Bataillon, desta vez em Paris, durante e depois de um jantar oferecido a um professor universitário português que acabava de ser homenageado por uma Universidade francesa. Tratava-se de um universitário com obra científica sólida, portanto um investigador com méritos, mas, como acontece não raro entre nós, convencido de que o seu valor é o de uma grande sumidade de prestígio internacional.

Com a melhor intenção de festejar os êxitos académicos do professor português, não pude deixar de lembrar o que, na história da ciência europeia, representava a tese sobre «Erasme et l'Espagne». Como método de análise, associando a mais rigorosa filologia às preocupações de uma síntese lúcida da história das ideias. Referi-me à recensão de Eugenio Asensio de 1952, na *Revista de Filologia* Española, mais do que recensão, um verdadeiro estudo inovador. E às de Lucien Febvre de Pierre Mesnard, de Eugenio Garin. Marcel Bataillon observou:

- Tenho de reconhecer, correndo o risco de parecer imodesto, que o livro suscitou de facto interesse, entusiasmo e elogios talvez exagerados. Também alguns reparos e, pelo que diz respeito às observações de Asensio, com um fundamento que aceito, que tenho de aceitar. Asensio considerou a minha obra inovadora, mas, também ele com reparos, formulando distinções subtis, uma ou outra das quais me tinha escapado. É verdade que o Erasmismo, como corrente espiritual, pode não raro coincidir com a espiritualidade dos aluminados. Todos as recensões foram importantes. A mais profunda e a mais sábia foi indiscutivelmente a de Eugenio Asensio.
- Mas o meu querido Mestre não disse que Asensio apresentou a sua tese como «cume de uma alta montanha» nos estudos do Hispanismo. Révah sublinhou-o.

O docente lusíada em honra do qual eu oferecera o jantar parecia um tudo-nada melancolizado por Erasmo e Bataillon, na conversa, prevalecerem sobre os louros que ele tinha conquistado. Como anfitrião, eu não podia deixar de sabê-lo, compreendê-lo, de maneira que evoquei, para o

animar, o evento importante, para a cultura histórica portuguesa, da sua grande monografia universitária. Ao que respondeu:

- Considero a minha tese como um assunto arrumado. Entendo que, pelo que me diz respeito, me cumpre agora deslindar outras meadas...
- Mas, professor — disse eu, dirigindo-me ao meu sábio compatriota —, sem desprimor para a sua dissertação, tão valiosa, digamos que em 1937 a de Marcel Bataillon foi verdadeiramente inovadora. Quem sabia do papel que a Espanha de Carlos V desempenhara na história do pensamento erasmiano europeu? Conheciam-se algumas edições de Erasmo, mas o autor de «*Erasme et l’Espagne*» descobriu muitas outras.
- Tive nisso — observou modestamente Bataillon — a ajuda de Eugenio Asensio, que está na origem de algumas modificações e acrescentos que me foi indispensável juntar à edição castelhana, à segunda, em cujo prefácio, aliás, agradeço ao grande investigador de Navarra.
- Mas Marcel Bataillon estudou também — prossegui — o Humanismo em Portugal, e não apenas o Humanismo erasmiano em Espanha. Daí que nos tenha facultado esse belo volume, cuja segunda edição este Centro publicou. Revista e aumentada.
- A primeira edição foi editada em Coimbra, nos *Acta* da Universidade. À segunda acrescentei outros estudos, e estou muito reconhecido à Fundação Calouste Gulbenkian que, graças ao nosso anfitrião, a apresentou em veste moderna e distinta, inaugurando uma colecção prestigiosa.

Depois do jantar, continuou o diálogo na sala ao lado, onde, nas estantes, descansavam algumas das edições erasmianas que o Director do Centro tinha reunido. Marcel Bataillon pediu-me que lhe mostrasse a do *Enchiridion militis christiani* de 1533, de tanta raridade, que o Abbé Raymond Marcel desejara vê-la e folheá-la. Marcel Bataillon perguntou-me:

- Já conseguí identificarla? Raymond Marcel não sabia onde foi impressa.
- Caro Mestre — respondi — a identificação era muito simples. Falta nos poucos exemplares conhecidos da edição o cólofon, mas, em compensação, não falta a marca do impressor. Pelos repertórios de marcas é fácil identificar o impressor. Foi também, deste modo, que me foi possível identificar uma edição das

Conclusiones de Giovanni Pico della Mirandola que os sábios intérpretes do pensamento piquiano não sabiam onde fora publicada. Com um desses repertórios é fácil proceder à identificação.

- Por que razão — perguntou Marcel Bataillon — invocou o exemplo de Pico della Mirandola?
- Mas por uma razão muito simples — respondi —, relacionada com as marcas de impressores.
- Não foi também — insistiu Bataillon — porque Pico terá influenciado Erasmo, nessa obra?
- Reconheço — retorqui — que não estava presente no meu espírito essa razão... Mas, de facto, estou convencido de que Erasmo, o autor do *Enchiridion*, leu textos do Mirandolano.

Em 1977, 99 dias antes da morte de Marcel Bataillon, encontrei-o em casa de um amigo comum, também ele estudioso de Erasmo, principalmente do pensamento filosófico e pedagógico erasmiano, Jean-Claude Margolin e Jean Delumeau estavam presentes. Pareceu-me que Marcel Bataillon mostrava já, apesar da sua agilidade e vivacidade intelectuais, uma certa fragilidade, bem patente na sua extrema magreza. Não obstante, comia com apetite e com visível prazer.

Ele era, de nós quatro, o mestre indiscutível e nós estávamos pendentes da sua palavra e do seu magistério. Com requintada delicadeza — e com ela procurava sempre valorizar o seu interlocutor —, impunha-se naturalmente, pela sua simples presença, pelo seu imenso prestígio.

Sabendo que tanto ele como os dois intelectuais que o acompanhavam (Delumeau e Margolin) eram de verdade três monstros sagrados da Universidade francesa (Delumeau fora eleito pouco tempo antes professor do Collège de France), quis submeter-lhes uma edição «crítica» das *Conclusiones* de Pico della Mirandola, com mais de duzentos lapsos graves de latim e de leitura paleográfica. Edição publicada numa colecção prestigiosa da Suíça, em Genebra. Não havia dúvidas: trata-se de uma péssima edição, que não honra nem o seu autor nem a editora suíça e muito menos os estudos piquianos.

Mas o tema que predominou não podia deixar de ser Erasmo. O mestre da Europa nos primórdios da Modernidade.

Anunciei a Marcel Bataillon uma então recente *trouville* sobre textos de Erasmo que circulavam na Itália em versão italiana, mas atribuída a Plutarco, logo pouco depois do Concílio de Trento, quando algumas obras erasmianas estavam proibidas e o nome de Erasmo passava como... «auctor damnatus» em países de ortodoxia tridentina.

Bataillon ficou surpreendido, mas observou apenas:

— Erasmo reservar-nos-á sempre grandes surpresas!

Marcel Bataillon suspeita, no «*Erasme et l'Espagne*», que Frei Luís de Granada tenha sido sensível, no seu conceito de espiritualidade, à influência do *Enchiridion militis christiani*. Dámaso Alonso pôde, num dos seus ensaios, prová-lo através do *Guia de Pecadores*, comparando os textos. Mas Idalina Rodrigues, na sua importante tese sobre Frei Luís de Granada, considera essa coincidência um facto literário de interesse menor.

Que diria Marcel Bataillon se pudesse tomar conhecimento de que, numa das suas edições parenéticas mais valiosas, Frei Luís de Granada se propôs prestar homenagem a Erasmo, coroando a sua própria obra com uma poesia religiosa do autor do *Moriae encomium*? Sem qualquer indicação, evidentemente, do nome do tal *auctor damnatus*...e deixando, mesmo, supor que a composição pudesse pertencer àquele Picus Mirandulanus cujo nome figura no título da segunda poesia religiosa, logo a seguir à *Expostultio Iesu cum homine suapte culpa pereunte*...

Marcel Bataillon deixou-nos no dia 4 de Junho de 1977. Já não é infelizmente possível dar-lhe esta notícia, que muito o teria alegrado. Mas seja-me permitido terminar este arrazoado erasmiano com um recado, em forma de breve epístola, que endereço ao autor do «*Erasme et l'Espagne*».

— Meu caro Mestre, com as cautelas do autêntico homem de ciência que sempre demonstrou ser em todos os estudos que publicou, insinuou na sua obra-mestra, na sua obra-prima, que Frei Luís de Granada terá sido sensível a uma influência marcante desse grandíssimo génio de ciência e sapiência que foi Desidério Erasmo. A sua intuição pode hoje converter-se em conhecimento certo. Já o seu amigo Dámaso Alonso apresentou provas textuais. Posso dar-lhe a confirmação definitiva de que Frei Luís de Granada foi um grande admirador de Erasmo, o Erasmo do *Enchiridion* e das poesias religiosas. Santo Inácio não apreciava o *Enchiridion*. Frei Luís de Granada não foi menos santo do que Santo Inácio. Não é preciso ser canonizado para se ultrapassarem os áditos da santidade, como já, aliás, Erasmo disse na parte final de um colóquio que escreveu vinte anos depois do *Enchiridion militis christiani*, a *Apotheosis Capnionis*. É aí que Reuchlin figura glorificado como um novo S. Jerónimo.

Marcel Bataillon, pela incomunicabilidade existente entre os espíritos libertos do invólucro corpóreo e aqueles que se encontram ainda encarna-

dos, não pode transmitir-me a sua resposta. Mas tenho a certeza de que, onde quer que se encontre — e o seu espírito foi o de um justo, decerto cristão pelo seu baptismo de desejo, bem consubstanciado no seu amor da erasmiana *philosophia Christi* — não poderá deixar de sentir um intenso júbilo com as minhas palavras. E que elas ponham, agora, um ponto final neste tão despretensioso discurso lúdico-sério, *ad maiorem Erasmi gloriam*: glória em que participam também, Marcel Bataillon e Maria Helena da Rocha Pereira.

Lisboa, Academia das Ciências, 16 de Abril de 1995, domingo de Páscoa.